



Pegando

FOGO

**ABBI
GLINES**

AUTORA DE *PAIXÃO SEM LIMITES*





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Eu dançava pela sua cozinha enquanto você tocava música usando as panelas. Nunca consegui ganhar no Uno, porque você era uma profissional, e quando eu precisava que alguém rezasse por mim, não tinha nenhuma dúvida de que você estava fazendo isso.

Eu amo você, vovó Campbell. Não se passa um dia sem que suas palavras de sabedoria ecoem em minha mente. Você faz muita falta, mas vai estar para sempre no meu coração.

Amar e ser amado é uma necessidade humana básica. Antes *dele*, eu achava que minha vida era uma prova de que essa teoria não era verdadeira. Antes *dele*, eu era forte... ou era fraca? Não tenho mais certeza. As coisas que eu considerava verdadeiras hoje são motivo de questionamento. A única certeza que tenho é que, depois *dele*, nada mais foi igual.

– Nan

Os homens me irritavam muito. Pela minha experiência, eles sempre queriam algo de mim, mas nunca era *a mim* que queriam de verdade. Eu sabia disso sem dar a eles mais do que um instante do meu tempo. Quando me olhavam, viam “a filha de um astro do rock” e “dineiro”. A maioria apenas torcia para que eu os fizesse aparecer na capa de uma revista de fofocas barata.

Isso me fazia nutrir muito pouco respeito pela espécie masculina. Havia apenas um homem que eu tinha em alta conta, e era o meu irmão, Rush. Ele sempre esteve presente quando precisei – exceto por algumas vezes em que fui uma megera com a mulher dele, Blaire. Mas agora que eu tinha superado o ciúme, Rush voltara a ser meu porto seguro. E o fato de ele estar feliz me bastava.

Eu sabia que estava na hora de crescer e de lutar por minhas conquistas. Não estava fazendo um trabalho fantástico em relação a isso, mas também não me saía tão mal. Estava me virando do meu jeito.

O celular vibrou na minha mão e, quando olhei, vi a imagem de Major na tela. Ele era minha mais nova má ideia. Era maravilhoso e gentil até demais comigo – normalmente eu gostava de pelo menos um pouco de drama –, mas o que o impedia de chegar à perfeição era o fato de ser mulherengo. Ele adorava as mulheres. Ansiava pela atenção que recebia delas. E achava que eu era burra demais para saber que, quando não estava comigo, ele geralmente estava com outra. Mas seu talento como ator não era tão infalível quanto ele pensava. Eu sabia pela forma como ele respondia às minhas mensagens de texto se estava com alguém ou se tinha tempo para mim.

Eu achava que lidava muito bem com essa situação, mas ficava cada

vez mais difícil manter meus sentimentos sob controle e não me apaixonar pelos encantos dele. A gentileza de Major estava me conquistando, embora eu soubesse que não passava de mais uma garota para ele.

O que você está fazendo?

Esse era o tipo de mensagem que ele me mandava quando estava sozinho e entediado. A princípio eu achava que ele tinha um interesse genuíno pela resposta, mas depois de perceber quantas vezes as palavras *oi*, *querida* e *gata* apareciam na tela do telefone dele quando estávamos juntos, percebi que era tudo papo furado.

Todos os homens são mentirosos. Até os bonitos e de bom coração.

Eu não confiava em nenhum deles, porém, infelizmente, precisava deles na minha vida. Queria não me sentir sempre tão carente de afeto e atenção, mas eu era assim. Detestava isso em mim e com frequência tentava esconder, só que estava ficando cada vez mais difícil. Ver Rush deixar para trás seu jeito de playboy quando encontrou a mulher certa e ver o melhor amigo dele, Grant Carter – com quem eu transava ocasionalmente –, se transformar no homem perfeito para a esposa dele, Harlow, não foi fácil. Eu não era como Blaire ou Harlow. Não fazia os homens quererem mudar por minha causa. Admitir isso me feria profundamente, mas era algo que eu passei a aceitar.

Raiva, autoaversão e sentimentos de inadequação podem transformar uma pessoa em alguém detestável. Amargo. Um monstro.

Era exatamente o que eu não queria me tornar.

Por mais que quisesse ignorar Major, sabia que não faria isso. Responder às mensagens dele significava que eu havia recebido atenção, então por um instante eu poderia fazer de conta que ele sentia algo por mim. Que eu valia a pena. Que era o tipo de garota pela qual um cara mudaria.

Acabando de acordar, respondi enquanto sentava na cama.

O balãozinho de texto que aparece quando a pessoa está digitando surgiu na tela, e senti um frio na barriga. Ele estava sozinho. Pensando em mim.

Sim, eu sei que pareço patética, mas estou sendo sincera.

Dorminhoca. Foi para a cama que horas ontem?

A melhor pergunta seria a que horas *ele* tinha ido para a cama. Major não havia me mandado nenhuma mensagem depois das oito da noite

e eu era muito orgulhosa para escrever ou ligar para ele primeiro. A última mensagem dele tinha me soado meio distraída e imaginei que estivesse com outra.

Tarde, foi minha única resposta. A verdade era que eu havia ficado sentada no sofá sozinha, embrulhada em um cobertor, assistindo à terceira temporada de *Gossip Girl* e comendo pipoca – cujas calorias precisava queimar em uma corrida agora de manhã.

Ficou fazendo o que acordada até tarde?

Esse tipo de pergunta sempre me irritava. Ele achava que podia me perguntar o que quisesse porque sabia que eu diria a verdade. Mas eu nunca podia perguntar diretamente o que ele estava fazendo, porque sabia que ele só responderia em parte. Em geral a parte que não envolvia outra garota.

Vendo TV. Não estava a fim de mentir para fazê-lo ficar com ciúmes. Fazia tempo que eu me dera conta de que Major não bancava o ciumento quando se tratava de mim, o que às vezes era como um tapa na cara. Mais uma coisa pela qual eu sempre o perdoava, só porque ele era tão legal.

Gossip Girl ou Grey's Anatomy?

Ele sabia quais eram minhas duas séries preferidas. Ele lembrava de tudo a meu respeito. Isso era algo que também complicava as coisas para mim.

Gossip Girl.

Eu sou bom, ele escreveu, com uma carinha piscando. Era o único cara que eu conhecia que usava emojis. No início eu achava estranho, mas agora ficava esperando por eles. Era só Major sendo Major. Ele era capaz de tornar aceitáveis coisas que normalmente não eram atraentes.

Almoço hoje? Quem sabe no japonês?

Major amava comida japonesa.

E eu estava com medo, talvez só um pouco, de estar apaixonada por Major.

Claro.

MAJOR

Soltei o ar. Eu nunca sabia ao certo se Nan estava com raiva de mim. Ela tinha motivo para estar? Na verdade, não. Nós não éramos namorados e, algumas vezes, para que ela não começasse a ter ideias, eu a lembrava de que tínhamos apenas uma amizade colorida. Mas eu não sabia se isso realmente importava para uma garota como Nan.

A mulher que havia passado a noite no meu apartamento tinha um histórico muito menos complicado que o dela. Era divertida, uma companhia leve. Eu não me preocupava se ia deixá-la irritada ou se ela estava prestes a ter uma alteração de humor e estragar a noite. Também não precisava me preocupar com o fato de não poder ir embora a hora que quisesse no dia seguinte. Com Nan, eu ficava preso até tudo chegar ao fim. Precisava mantê-la feliz. Transar e logo ir embora não era uma opção.

Sarah, por outro lado, sabia como as coisas funcionavam. Não era grudenta ou carente. Não me pressionava e me oferecia o alívio de que eu precisava. Eu gostava dela, mas não queria mantê-la na minha vida. Só precisava de alguém como ela para equilibrar a forte presença de Nan.

Nan sabia me fazer esquecer que nunca poderíamos ter algo mais sério. Meu trabalho era importante demais. Nunca poderíamos ser mais do que aquilo. Ela só não sabia disso. Ainda.

Eu não precisava ter perguntado o que ela estava fazendo na noite anterior. Eu já sabia. Podia estar ocupado com meu encontro, mas a casa dela estava sob minha constante vigilância. Cope – meu chefe, por assim dizer – observava cada passo dela quando eu não me encarregava disso. Quando ela saía, precisávamos saber aonde ia.

Por sorte, ela havia ficado em casa, e eu pude ter uma noite divertida com Sarah. Da última vez que tinha tentado sair com Sarah, Nan me ligou, chateada com alguma coisa, e eu precisei ir até a casa dela para confortá-la. Ela era muito intensa e fazia com que eu sempre pisasse em ovos.

Uma batida forte à porta me fez emitir um ruído de pavor. Eu sabia quem era, e ainda era muito cedo para lidar com ele. Não tinha nem tomado meu café com ovos. Respirei fundo e saí da cama quentinha, enfiei um short que havia deixado no chão na noite anterior e fui em direção à porta.

Mal abri a porta e Cope já foi forçando a entrada. Ele era mais alto do que eu, mas não muito. No entanto, não era sua altura que o tornava enorme – era sua personalidade. Ele entrava onde quer que fosse como se o lugar lhe pertencesse. E, se não pertencesse, mataria quem precisasse para passar a pertencer. Era o tipo do filho da puta que você não quer irritar. Era brilhante e maluco na mesma medida. Eu já o vira encontrar um alvo em poucos minutos e matá-lo sem demonstrar qualquer emoção.

– A noite foi boa? – perguntou ele com a voz áspera.

– Foi, sim. Obrigado por perguntar – respondi com naturalidade, me recusando a deixá-lo me intimidar.

Não havia contado a ele sobre Sarah e não ia fazer isso agora.

Cope nem olhou para mim.

– Você não fez nada de útil. Ela não confia em você. Sabe que você é um mulherengo.

Mulherengo? Que diabo ele sabia?

– Claro que ela confia em mim.

Cope se virou rapidamente e seus olhos escuros me fuzilaram de uma forma que faria um super-herói recuar.

– Confia nada. Essa mulher não é burra, Major. Ela sabe. Já estive com homens suficientes para saber quando está sendo ignorada.

– Hoje eu vou levá-la para almoçar! – disparei.

– Não basta. Ela pode não saber quem é a outra garota, mas eu sei muito bem. Sarah Jergins, Ravenhurst Drive, 8.431. Nan sabe que você estava com alguém. Isso quer dizer que não vai confiar em você a ponto de contar seus segredos, e nós precisamos descobrir a droga dos segre-

dos dela. Nan é a única forma de chegarmos a Livingston. Ficou próxima dele. Deve saber alguma coisa. Temos que descobrir o que ela sabe.

Cope foi em direção à porta para sair e eu aproveitei para fazer umas caretas pelas costas dele, porque essa era a atitude madura a ser tomada, claro.

Quando colocou a mão na maçaneta, ele parou.

– Você tem uma semana para resolver isso, e depois eu entro na história. Se não consegue fazer a garota se apaixonar por você, eu mesmo vou ter que fazer isso.

Em seguida, ele empurrou a porta e foi embora, batendo-a com força ao sair.

O fato de ele saber o nome e o endereço de Sarah não me surpreendia, mas a certeza de Cope de que poderia fazer Nan se apaixonar por ele era hilária. Nan gostava de homens com rosto de modelo. Rostos de estrela de cinema. Rostos como o meu. Ela também gostava de romance e delicadeza.

Cope não tinha a menor chance. O cabelo dele era tão comprido que precisava fazer um rabo de cavalo na maior parte do tempo, e sua barba era exagerada demais. Precisava raspar aquele troço. Ele parecia uma muralha, mas não era nem um pouco como eu. E Nan gostava de mim. Gostava à beça de mim. Eu sabia disso. Cope não tinha capacidade de fazer com que ela sequer olhasse para ele.

Eu até poderia ter ido adiante e deixado que se apaixonasse por mim, só que realmente não queria magoá-la. Mas eu não podia feri-la dessa forma. Eu não a amava. Nan era mais do que eu podia ter na minha vida agora. Eu tinha uma missão a cumprir primeiro.

Peguei meu celular e mandei outra mensagem. *Quer caminhar até a praia depois do almoço? Ou está a fim de uma corrida hoje?*

Eu poderia fazê-la falar sem brincar com seus sentimentos. Ela só precisava confiar em mim, e eu achava que já confiava, ou estava começando a confiar. Teria sido fria comigo se soubesse que eu tinha estado com Sarah na noite anterior.

Topo uma corrida, respondeu ela.

Sorrindo, enviei: *Então vamos correr.*

Algumas mulheres fazem beicinho e ficam emburradas. Outras tentam deixar o cara com ciúmes. E tem aquelas que bancam a boa moça e seguem em frente. Já eu... Bem, eu ia para Las Vegas.

O vestido prateado justo, que eu havia comprado em uma loja em Paris, em julho, delineava cada uma das minhas curvas, e eu sabia como ficava bonito em mim. Não que isso importasse. Aquela noite não teria nada a ver com amor, com algo significativo. Eu ia dançar, paquerar e me esquecer de todos os caras no dia seguinte. Las Vegas era um santo remédio, e me fazia encarar o fato de que relacionamentos nunca deram certo para mim e que eu deveria parar de tentar.

Meu telefone vibrou e vi o nome de Major na tela. Coloquei o celular no modo silencioso e o guardei de volta na minha bolsinha Prada. Major tinha me ignorado demais, e por duas noites seguidas. Agora era a minha vez de ignorá-lo e tirá-lo da cabeça ficando com outro cara. Um homem de verdade. Alguém com ombros largos e braços fortes. Alguém capaz de lidar comigo. De me controlar. De me lembrar que eu não preciso ser a pessoa mais forte do mundo.

Quando eu voltasse para Rosemary Beach, o sorriso lindo e o jeito encantador de Major não iam conseguir me atrair mais uma vez. Ia garantir que isso não acontecesse. Eu não era uma garota patética, mas ultimamente ele estava fazendo com que me sentisse assim. Agora bastava.

Saí do meu quarto no hotel Bellagio e fui até uma boate chamada Hyde – alguns amigos tinham uma mesa VIP reservada lá pelas três noites seguintes. Eu podia sentir os olhares que me seguiam, o que só confirmava que eu estava tão deslumbrante quanto me senti ao me olhar no espelho. Estava pronta para uma noite de vodca e esquecimento.

Knox era a razão pela qual eu estava ali. Era uma amiga que conheci durante minha breve passagem por um colégio interno sueco e agora estava namorando Ezra Kincaid, o herdeiro dos hotéis Kincaid. Era o fim de semana do aniversário de Ezra, com uma lista de convidados bem restrita. Quando Knox me convidou, eu não tinha certeza se queria ir. Não queria ficar longe de Major. Mas, durante nosso almoço, tive a sensação de que ele estava sendo forçado a passar aquele tempo comigo. Então decidi sair da cidade, o que acabou sendo uma jogada inteligente, porque dois dias depois eu ainda não tivera notícias dele.

Naquela noite, eu ia fingir que nunca havia permitido que ele me enganasse. No dia seguinte, talvez nem me lembrasse mais do nome dele.

– Nan! – gritou Knox.

Pelo modo como os olhos estavam vidrados, dava para ver que ela devia estar bebendo fazia horas, mas continuava com uma aparência fantástica. Os cabelos louros cacheados e selvagens estavam presos para trás com uma faixa vermelho-maçã que combinava com o vestido. Eu precisava alcançá-la no número de drinques. Ela parecia estar se divertindo horrores.

– Winter também está aqui! Veio com Roland. Eles estão noivos agora!

Knox ficou batendo papo com a voz meio engrolada enquanto me levava até sua mesa de braço dado comigo. Reconheci os rostos de todas as pessoas. Elas faziam parte do círculo no qual eu havia sido criada quando morava com minha mãe. Eu tinha visto Demi Fraser na TV na semana anterior, em alguma partida de tênis importante a que eu não estava assistindo. Ela ficara famosa nas quadras e agora tinha a própria linha de roupas esportivas. O cabelo ruivo-escuro estava curto, e o nariz e os ombros eram salpicados de sardas por conta do imenso tempo que ela havia passado no sol. Estava ótima.

Isso me incomodou. Eu também podia ficar bem assim com sardas.

Voltei minha atenção para o garçom.

– Vodca com suco de *cranberry* – pedi.

– Está sumida, Nan. O que você tem feito além de ir às compras em Paris? – perguntou Demi.

Ela estava sendo sarcástica, como de costume. Gostava de olhar o mundo com o nariz perfeito e sardento empinado.

Aquela noite era para me ajudar a esquecer os meus problemas, e não criar outros.

Olhei ao redor sem responder à pergunta de Demi ou mesmo tomar conhecimento da presença de Winter e Roland. Ainda não tinha vodka suficiente no meu organismo para me fazer bancar a simpática.

Meu olhar vagava pelas pessoas e eu já estava entediada quando deparei com o olhar firme de alguém me encarando e me fazendo estremecer de medo e entusiasmo. Pude notar o rosto esculpido e os traços fortes, evidentes mesmo debaixo da barba espessa. Meus olhos viajaram mais para baixo. Os ombros largos davam lugar a braços musculosos e a um tórax que parecia prestes a rasgar a camiseta preta.

Então ele começou a andar. Na minha direção. Eu era o seu alvo. Fiquei ali parada, sem conseguir pensar, como se tivesse sido chamada, e minha respiração ficou irregular. Quase como se eu não pudesse inspirar.

Ele era alto. Os sapatos de salto agulha que eu usava me deixavam com 1,80 metro, mas ainda assim precisei olhar para cima conforme ele se aproximava.

– Você o conhece? – perguntou Knox, mas só ouvi a voz dela a distância.

Isso não tinha importância, e não respondi. Apenas esperei. O oxigênio do ambiente desapareceu quando ele parou na minha frente. Tenho certeza de que devo ter parecido uma idiota enquanto tentava respirar fundo.

– Dança comigo – foram as palavras dele.

Soou como uma ordem, não um pedido. Eu não recebia ordens de ninguém, mas não ia recusar. Queria sentir as mãos dele no meu corpo. Queria estar perto o suficiente para poder mergulhar no seu cheiro a cada respiração. Queria também tocar naquele peito enorme, que parecia uma muralha.

Consegui assentir e, quando ele estendeu o braço para mim, ofereci a minha mão avidamente. O calor e a força do seu toque me fizeram tremer. Se ao menos eu conseguisse respirar, poderia me preocupar com o fato de estar fazendo papel de idiota. Mas eu só precisava me manter equilibrada naqueles saltos que tinha escolhido.

Ele me levou para o meio das pessoas, que pareceram abrir caminho à sua passagem. Vi outras mulheres se virarem e olharem para ele com a mesma expressão temerosa, mas empolgada, que a minha.

Quando enfim parou, ele se virou e deslizou a mão em torno da minha cintura, pressionando possessivamente a parte de trás das minhas costas. Eu me aproximei dele, querendo gritar de prazer quando meus mamilos roçaram o seu peito. Ele não disse nada, mas começou a se movimentar com uma graciosa elegância que eu não esperava de um cara como ele. Imaginava que ele seria rígido por causa de todos aqueles músculos, mas não: parecia à vontade na pista de dança.

Ele abaixou a cabeça e senti sua respiração contra minha pele. Meus mamilos enrijeceram e agarrei seus braços para me manter firme.

– Você está bem? – foi tudo o que ele disse, com a voz grave e um sotaque forte que não consegui identificar.

Eu queria dizer que ele tinha um cheiro melhor do que eu esperava, mas não disse. Mantive a boca fechada e ergui os olhos para encará-lo. Não conhecia aquele homem. Duvidava que o veria novamente, e isso me deixou desolada. Como se estivesse perdendo algo que nem sequer era meu.

MAJOR

A vida de country club não era tão ruim assim. Eu não entendia por que meu primo Mase detestava tanto. Ele sempre reclamava que sua irmã caçula, Harlow, o arrastava para Kerrington, mas acabava fazendo a vontade dela e participando por algum tempo de seu mundo, como um bom irmão mais velho.

Eu, por outro lado, estava fazendo a vontade da garçõnete gostosa que tinha nos atendido mais cedo.

– Shhh, querida – sussurrei, quando ela gemeu um pouco alto demais no banheiro.

Havíamos trancado a porta, mas qualquer um que passasse pelo lado de fora escutaria se ela fizesse barulho.

Eu realmente precisava apressar as coisas antes que Mase começasse a imaginar o motivo que me fizera ficar tanto tempo longe do campo de golfe.

Eu havia abaixado a calcinha dela e deslizado a mão entre suas pernas. As coxas tremeram um pouco, e eu sorri. Gostava quando elas tinham dificuldade para se manter de pé.

– Você quer gozar no meu pau? – sussurrei junto à pele dela, enquanto deixava uma trilha de beijos em seu pescoço.

– Quero, por favor – implorou a garota, se segurando nos meus ombros enquanto eu me inclinava sobre ela, fazendo-a mergulhar num furor molhado.

– Então você vai ter que ficar caladinha, docinho. Enfie o rosto no meu peito pra poder gritar quando precisar – murmurei, antes de puxar a calça jeans para baixo e colocar rapidamente uma camisinha.

Agarrei a cintura dela e a levantei para ficar apoiada na borda da pia.

Com muita habilidade, ela abriu as pernas e eu a penetrei enquanto ela as enroscava na minha cintura.

– Ah, Deus! – gritou ela se apoiando no meu ombro.

– Meu nome é Major, gata, mas Deus também serve.

Comecei a meter com força.

Ela era toda apertadinha, uma distração perfeita para a tarde. Golfe era uma coisa chata demais. Se eu tivesse que ouvir mais uma história sobre os filhos de Rush e Grant, ia cravar um taco no meu próprio peito para acabar com o sofrimento. Quem diabo preferia falar sobre crianças quando havia mulheres maravilhosas como aquelas por todo lado?

Levantei a blusa dela e agarrei seus peitos, que já tinham chamado minha atenção durante o almoço. Eu adorava peitos de todos os tamanhos, mas os maiores, como os dela, eram mais divertidos.

Ela levantou os joelhos e se abriu mais para mim, arqueando-se para trás para que eu tivesse acesso completo a seus peitos. Trepar no banheiro não era novidade para ela.

– Isso, gata, aperta meu pau – murmurei, antes de pegar um mamilo com a boca e chupar com força.

Eu teria que fazer de novo. Ela sabia o que fazer com aquele corpo.

– Eu... Ah, Deus... eu vou gozar – disse ela, arfante, fazendo os peitos balançarem.

Por mais gostosa que aquela visão fosse, eu sabia que um grito ia vir com o orgasmo.

Agarrei a cabeça dela e pressionei sua boca no meu peito, enquanto metia com mais força até o grito abafado ser seguido pelo estremecimento do seu corpo. Assim que ela começou a gozar, eu a acompanhei.

O ponto alto da minha tarde.

E eu nem sequer me lembrava do nome dela.

A tarde já tinha chegado quando finalmente abri os olhos. As cortinas de blecaute eram uma maravilha. Ainda parecia estar escuro do lado de fora. Virei para o lado para conferir o celular e vi que tinha uma chamada perdida e uma mensagem de texto de Major.

Se você estiver puta, posso consertar isso. Andei ocupado. Me liga.

Joguei o telefone em cima da cama ao meu lado e suspirei. Era isso que ele sempre fazia. Achava que tentar me compensar pelo sumiço justificava o fato de às vezes me ignorar por dias. Depois de passar horas dançando com Gannon Roth na noite anterior, eu não sabia ao certo se Major algum dia seria suficiente para mim. Havia conhecido um homem de verdade e tinha gostado muito.

Essa alternância de comportamento de Major já tinha perdido a graça. Gannon era carinhoso, grande, e tinha cheiro de sexo. Não que tivéssemos transado. Ele dançou comigo e me pagou alguns drinques, então nos sentamos em um canto e ficamos conversando o restante da noite antes de ele pedir meu telefone e ir embora. Ele não tentou ir para o meu quarto ou me levar para o dele.

Eu quase me senti ofendida, até me permitir pensar na noite que tivemos juntos. Ele foi um cavalheiro do começo ao fim. Não falou muito, mas parecia estar me escutando. Major achava que era tarefa dele ser divertido e nunca parava de falar. Eu raramente tinha a impressão de que a conversa era uma via de mão dupla.

Meu telefone vibrou de novo e eu estendi a mão para pegá-lo, já revirando os olhos, supondo que fosse mais uma mensagem de Major. Mas não era.

É o Gannon. Está com fome?

Era o meu cara. E ele estava me convidando para o café da manhã.

Atirei as cobertas para o lado e pulei da cama antes de me dar conta de que precisava responder à mensagem dele.

Acabei de acordar. Consigo ficar pronta em uma hora, respondi, esperando não ser uma mentira. Uma hora não era muito tempo para mim.

Encontro você lá embaixo, na Starbucks.

Sorri para a minha imagem no espelho.

– Você tem uma hora para ficar gostosa. Hoje à noite, vai trazê-lo para este quarto.

A gente se encontra lá, respondi.



Uma hora depois, como por milagre, saí do elevador e fui para a Starbucks. Gannon deu um passo à frente e o restante do mundo desapareceu. Ele tinha uma intensidade que demandava atenção. Estava com a barba mais rente e o cabelo preto preso em um coque. Gostei. Gostei demais.

O olhar dele estava vidrado em mim, e isso fez com que eu me sentisse bonita e importante. Gostei disso também. Queria mais.

– Bom dia – falei.

– Bom dia. Dormiu bem?

– Dormi, mas acho que a vodca ajudou.

Ele deu um sorrisinho. Adorei o jeito como a boca dele se torceu nessa expressão.

– Imagino. – Ele pousou a mão na base das minhas costas e me conduziu na direção da saída principal. – Tenho um carro esperando, e fiz reserva no meu lugar preferido daqui para o café da manhã.

Ele estava no controle. Gostei disso também. Major e eu sempre discutíamos sobre onde comer. Aquilo era diferente. Quase um alívio. Fazia com que eu me sentisse menos tensa.

– Acho que nunca tomei café da manhã em Las Vegas. Os lugares ainda servem café da manhã a esta hora?

Ele deu uma risadinha.

– É claro. Quem acorda cedo em Las Vegas?

Ele tinha razão. Eu duvidava que houvesse algum movimento antes das onze horas nos lugares que serviam café da manhã.

– É, acho que faz sentido – falei, enquanto ele abria a porta de um Mercedes G-Class preto.

– Depois de você.

Assim que entrei, ele fechou a porta e foi para o outro lado.

O motorista não falou nada, mas acelerou como se soubesse aonde estava indo.

O celular de Gannon vibrou no bolso, mas ele o ignorou. Em vez de atender, se recostou no banco e ficou olhando pelo para-brisa enquanto o carro seguia pela Strip.

– Onde fica o tal lugar? – perguntei, curiosa, quando saímos da Strip no Las Vegas Boulevard.

– Na Velha Las Vegas – respondeu ele. – Minha parte preferida.

O celular dele começou a vibrar de novo. E, mais uma vez, ele o ignorou.